

MIGRAÇÃO INTERNACIONAL DE BRASILEIROS PARA OS PAÍSES DESENVOLVIDOS E OS DIREITOS HUMANOS[♦]

International migration of Brazilians to developed countries and the human rights

*Victor Hugo Klagsbrunn**

Palavras-chave: Migração Internacional de Brasileiros; Brasileiros nos Países Industrializados; Situação e Direitos dos Migrantes

1. A migração internacional de brasileiros

Os brasileiros passaram a emigrar em grande escala, provavelmente, nos anos 1980, configurando um fenômeno de maiores dimensões, com importantes efeitos humanos, demográficos, sociais e econômicos. Ele contém dois grandes vetores principais: para os países limítrofes – especialmente Paraguai e Bolívia – e para os países industrializados, destacando-se os Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão como destinos mais freqüentes.

Não há dúvida de que a migração de brasileiros para esses últimos destinos ganhou uma dimensão social nos anos 1980, embora sua mensuração seja muito dificultada pela falta de dados oficiais, por se tratar de migração com forte participação de fluxos não formalizados, irregulares, ilegais e ainda, em muitos casos, encobertos por adoção de outras nacionalidades.

[♦] Trata-se de uma versão abreviada. O artigo completo está disponível no site do CSEM, no seguinte endereço: http://www.csem.org.br/artigos_port_artigos08.html.

* Professor titular da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Departamento de Economia. Sub-coordenador do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais.

Como a maioria das migrações por razões sócio-econômicas, a migração internacional de brasileiros tem um caráter inicial de estadia temporária, no geral de alguns anos, com o intuito de acumular alguma reserva financeira que permita, no geral, iniciar um negócio ou comprar uma moradia no Brasil. Com sua expansão numérica, parte dos migrantes vai se radicando no exterior, pelas mais variadas razões pessoais, profissionais e de diferencial de renda, incluindo aqueles que passam a prestar serviços à colônia crescente de brasileiros naqueles destinos.

2. As informações disponíveis sobre a migração internacional de brasileiros

Entre as informações oficiais sobre o contingente dos migrantes, podem ser destacados os censos demográficos do Brasil e dos países de destino, o número de atendimentos e de cadastrados nos consulados brasileiros, levantamentos de residência em parte apurados por administrações municipais de destino e por outras entidades. Nenhuma destas fontes, porém, permite delinear um número confiável e atualizado da quantidade de brasileiros vivendo no exterior, tampouco de sua evolução temporal. O Ministério das Relações Exteriores do Brasil elabora apenas estimativas grosseiras de migrantes brasileiros por países, que deixa pouca possibilidade de análise da dinâmica do processo.

Neste quadro, ganha relevância a evolução das saídas líquidas de passageiros por transporte aéreo do e para o Brasil, como indicador, sobretudo, da evolução no tempo da saída líquida de brasileiros para os países mais distantes. Embora o indicador contenha outros tipos de migrantes, como a imigração para o Brasil, esses fluxos passaram a ser irrelevantes diante da magnitude da saída de brasileiros do país. A aderência desse indicador com a migração internacional de brasileiros para países mais distantes se depreende de sua comparação com a variação do número de residentes brasileiros no Japão, um dado que certamente está muito próximo do realmente existente.¹

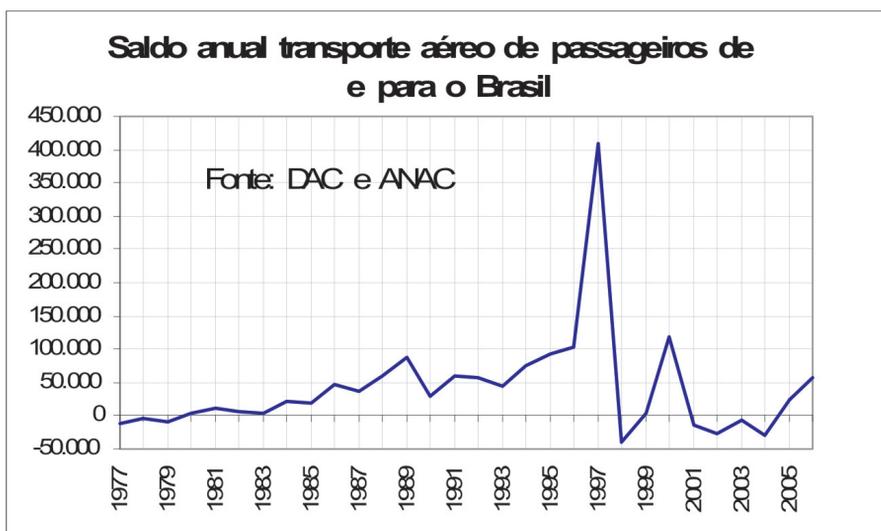
Na verdade, esse indicador serve como medida aproximada do fluxo de migrantes para destinos longínquos enquanto a migração está em plena evolução, apresentando forte expansão ou retração, com alta rotatividade de migrantes que estão indo e outros retornando após alguns

¹ Ver KLAGSBRUNN, Victor Hugo. "Globalização da economia mundial e mercado de trabalho: a emigração de brasileiros para os Estados Unidos e Japão", p. 33-48.

anos no exterior, para acumular alguma reserva de dinheiro destinada a melhorar sua condição de trabalho e de vida no Brasil.

3. O saldo total de saídas líquidas do e para o Brasil por transporte aéreo de passageiros para países mais distantes até o fim do séc. XX

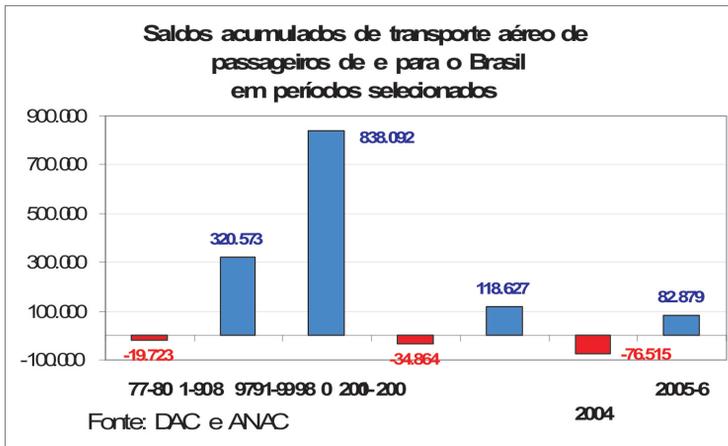
Este dado fornece, com as ressalvas necessárias, um quadro bastante razoável – também por ser o único disponível – da evolução da migração internacional de brasileiros para países mais distantes, para os quais o meio de transporte por excelência é o avião.



Por estes dados, o saldo líquido acumulado de saídas de 1980 a 2006 foi de 1.670.000 passageiros apenas para os países mais longínquos. Consta-se que, antes de 1980, preponderava certamente a imigração de estrangeiros.

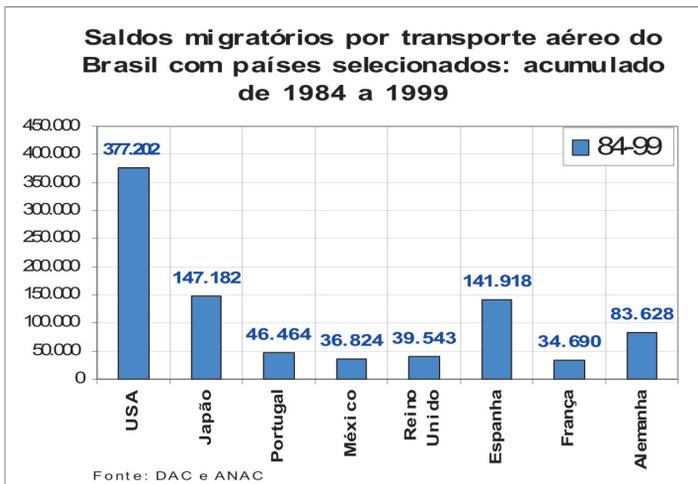
Após os dois anos atípicos de 1998 e 1999, verifica-se uma saída líquida de passageiros por transporte aéreo apenas em 2001. Daquele ano até 2005 houve entrada líquida de passageiros no Brasil, refletindo em grande medida a maior dificuldade de entrada nos Estados Unidos, apenas parcialmente compensada por uma saída para a Europa. Mas já no ano seguinte, a saída líquida voltou a aumentar para 119.000 pessoas.

A seguir, a série é apresentada com os dados acumulados por períodos selecionados.



Pelo gráfico por períodos pode-se, facilmente, constatar que as duas décadas de maior saída de migrantes brasileiros por transporte aéreo foram as dos anos 1980 e 1990, sendo a última a de maior expansão. Portanto, o auge do movimento da migração internacional de brasileiros ocorreu, sem dúvida, na década dos 1990.

Os fluxos mais importantes por países de destino nos anos de saída líquida de passageiros são apresentados no gráfico a seguir.



No gráfico, chama a atenção que, já naquele período, o fluxo para a Espanha ocupava o terceiro lugar entre os países selecionados, apenas superado pelas saídas para os Estados Unidos (aos quais deve ser somada uma parte das saídas para o México, ponto de passagem para aquele país) e para o Japão.

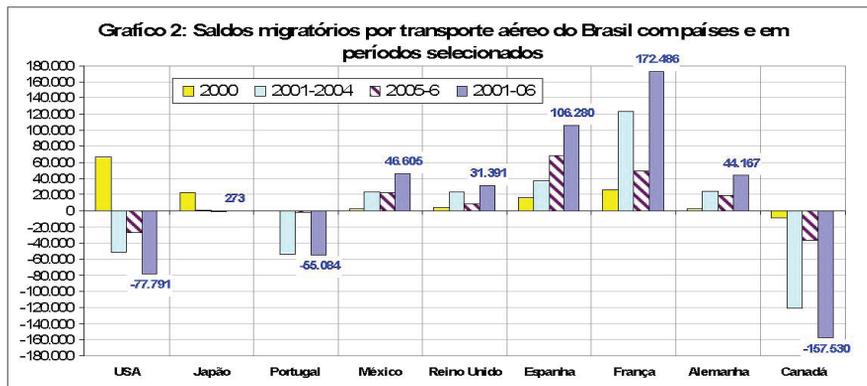
Os efeitos da migração para a Europa junto à população e às autoridades locais não chegaram a ser tão alardeados em boa parte porque aquele país viveu fase de rápido crescimento econômico e de emprego até 2007, puxado pelo setor da construção civil e por serviços. Ambos setores absorveram parte significativa dos migrantes brasileiros naquela fase. A eclosão da crise econômica em 2007, especialmente na construção civil, também na Espanha, fez aumentar o desemprego e a sensibilidade política e social frente à crescente imigração das últimas décadas.

4. Os dados sobre o transporte aéreo de passageiros do e para o Brasil. Índícios da evolução recente de migração de brasileiros para os países desenvolvidos de 2001 a 2006

Como mencionado, até o fim do século XX há fortes indícios de um fluxo maior de migrantes brasileiros para os Estados Unidos, Japão, Espanha e Alemanha, de acordo com os dados consolidados de fluxo líquido de passageiros nos meios de transporte aéreo.

As condições piores de inserção e de entrada nos países desenvolvidos neste século refletiram quase que de imediato nos dados disponíveis sobre entrada líquida de passageiros de transporte aéreo. Como as perspectivas de vida para as camadas médias no Brasil também não melhoraram no novo século de modo mais ou menos permanente, o fluxo migratório internacional de brasileiros continuou forte.

Devido às dificuldades maiores de entrada nos Estados Unidos após o 11 de setembro de 2001, a migração internacional voltou-se claramente mais ainda para a Europa, especialmente para França, Espanha e Alemanha, além do Reino Unido, embora alguns dados sobre o transporte aéreo de passageiros sejam afetados por preços mais baixos de passagens aéreas para algum destino no período. Chama a atenção o fluxo maior para a Espanha nos anos de 2005/6.



A partir de 2001, o saldo de passageiros por transporte aéreo tem sido negativo para os Estados Unidos e deve ter se intensificado em 2007 e 2008, diante da crise financeira a partir das hipotecas imobiliárias. Têm sido publicados freqüentes relatos de brasileiros que perderam emprego e até as suas casas, pois tinham assumido hipotecas que não podiam mais honrar.

O fluxo de retorno dos Estados Unidos vem acompanhado por um movimento paralelo do Canadá, provavelmente usado como uma porta de saída para migrantes brasileiros. Já a emigração para o México voltou a aumentar, provavelmente como forma de fugir dos controles mais rigorosos nos aeroportos dos Estados Unidos.

O maior contingente de brasileiros nos países industrializados encontra-se nos Estados Unidos. A situação específica naquele país, principal destino da emigração nos anos 80 e 90, modificou-se rapidamente a partir de 2001 e novamente com a crise econômica em 2007 e 2008. Não há dúvida de que a volta de brasileiros dos Estados Unidos se acelerou e vai continuar alta em 2008, como já vinha acontecendo nos anos anteriores. As inúmeras reportagens publicadas na imprensa brasileira refletem e confirmam a continuação deste fenômeno ao menos até meados do ano.

A crise econômica e financeira em 2007/8 reduziu os salários e rendimentos nos Estados Unidos expressos em dólares norte-americanos e, além disto, o seu valor em real se deteriorou ainda mais e fortemente (só na primeira metade de 2008: próximo dos 10% para o dólar comercial). A valorização do real frente ao dólar norte-americano diminuiu em parte, no período, o atrativo imediato da emigração, que é a remessa de dinheiro para o Brasil.

Pode-se prever, com grande dose de certeza, que em função da piora das condições nos Estados Unidos, a entrada líquida de passageiros daquele país para o Brasil deve aumentar ainda mais em 2007 e 2008.

5. Migração internacional e direitos humanos

Mesmo a migração caracterizada de modo simplificado como econômica, realizada em boa parte como projeto temporário para “juntar dinheiro”, tem um aspecto de exigência, de movimento forçado. Pois, buscar melhores condições de sobrevivência para si e para sua família implica sair de condições conhecidas e entrar em um universo com outras regras e outros costumes e, mais importante, entrar em outro mercado de trabalho pelos seus segmentos menos remunerativos.

Para os migrantes brasileiros significa abrir mão da perspectiva de se inserir com atividades que requerem mais anos de estudos, em sua região de origem, e enfrentar trabalhos e atividades não qualificadas e muitas vezes informais. Em suma, sair de uma situação precária para outra ainda mais precária e desconhecida, mas com renda maior.

O que tem alimentado essa migração internacional de brasileiros é o fato de que, mesmo em atividades de trabalho pouco ou nada qualificado, sem direitos adquiridos, o ganho lá fora permite poupar algo para trazer ou mandar para parentes no Brasil. O nível de salários e remunerações naqueles países é mais alto, mas também o são os custos de sobrevivência. O migrante, cujo objetivo é juntar dinheiro e voltar, se sujeita a todo tipo de trabalho e de extensão de jornada de trabalho e aceita condições ruins de vida e de moradia para economizar ao máximo.

Por não ser do país e estar muitas vezes em condição ilegal, o migrante recente não sabe como e não consegue se defender, seja individualmente seja em grupo. Ele é freqüentemente vítima de empregadores inescrupulosos, de vigaristas de todo tipo e mesmo de achincalhe por parte de policiais e outros servidores públicos. Devido à sua vulnerabilidade social e pessoal, os migrantes tendem a se agrupar, o que facilita também o trabalho de repressão à imigração irregular naqueles países.

Esta situação de impotência vai diminuindo na medida em que o migrante fica mais tempo no local de destino, domina melhor o idioma e a experiência acumulada pela colônia de brasileiros se torna mais rica e mais solidária. Na medida em que sua situação vai se estabilizando, os planos de volta ao Brasil podem, em muitos casos, ser adiados ou substituídos pela vontade de ficar no exterior.

Essa aparente estabilidade no exterior passou durante o ano de 2007 por fortes tremores, devido à crise financeira e econômica nos Estados Unidos e também na Europa e à maior repressão à imigração irregular em países como Espanha e Reino Unido. Nos Estados Unidos, o sonho de lá permanecer esteve em muitos casos associado à compra de residências e usufruto de condições realmente fascinantes oferecidas mesmo para pessoas com poucas garantias. O estouro dessa bolha imobiliária afetou muitos brasileiros que estavam investindo suas economias para pagar aqueles empréstimos contraídos a taxas de juros inicialmente convidativas, mas que aumentaram rapidamente a partir de 2004/5.

Após os atentados às torres gêmeas de Nova Iorque, em setembro de 2001, o governo dos Estados Unidos dirigiu suas baterias para um maior controle da imigração nos aeroportos do país. A maior dificuldade

de entrada sempre tem dois efeitos: diminuir de imediato as chegadas de migrantes irregulares e também as saídas, pois os migrantes que já estão no país passam a temer não conseguirem mais ingressar para alguma outra estadia. Os controles de entrada em aeroportos também foram reforçados em países da Europa.

A sensação de insegurança em país estrangeiro voltou a assolar a vida dos migrantes brasileiros de modo crescente nos Estados Unidos e na União Européia. Essa sensação tem um claro fundamento econômico. Condições de emprego, de trabalho e de rendimento voltaram a piorar em 2007 e 2008, tendo por conseqüência que, diante da perspectiva de perder um status sólido aparentemente conquistado pela estadia demorada e até a moradia nova, o retorno sobretudo dos Estados Unidos passou a ser a única possibilidade de sobrevivência, muitas vezes acompanhado de perdas materiais e humanas muito grandes.

Não se trata apenas da possibilidade de sobrevivência. Como imigrantes agora menos desejados, a sensação de impotência em um país estrangeiro aumenta, com todas as seqüelas pessoais, sociais e familiares que a acompanham. Isto deixa, mais uma vez, patente, que a migração internacional não pode ser vista como o paraíso para os migrantes nem uma alavanca sempre desejada para os países de destino, embora ali a força de trabalho disponível, e a baixo custo, dos migrantes constitua sempre uma vantagem no afã de acumulação dos empregadores.

Para os países de origem, a migração internacional traz nas primeiras etapas um certo alívio para as famílias que passam a receber as transferências de seus parentes emigrados e, no plano macroeconômico, um aporte financeiro crescente com o ingresso das transferências realizadas pelos migrantes. A continuação destes fluxos financeiros não é, contudo, garantida e depende da contínua expansão do número de migrantes, pois os migrantes que vão se radicando nos países de destino aumentam suas responsabilidades lá e passam, paulatinamente, a diminuir os recursos enviados aos seus países.

Para uma pessoa abandonar o lugar que conhece, onde se fala sua língua e se pratica os mesmos costumes, é preciso muita coragem, disposição e também necessidade. A emigração por aventura não explica movimentos sociais como a emigração em massa, apenas casos individuais.

As crises econômicas periódicas e seus rebatimentos políticos mostram repetidamente que os migrantes continuam facilmente descartáveis nos países de destino. Qualquer solavanco no mercado de trabalho e/ou na política de imigração naqueles países faz aqueles lembrarem de sua condição geral de precariedade. Tal sensação continua presente, mesmo

que em diminuição, para aqueles que, a duras penas e após muito tempo, conseguem se inserir nas sociedades de destino, por estabelecimento por conta própria, mediante casamento ou qualquer outra possibilidade. Ser estrangeiro não é fácil em qualquer país, especialmente para o migrante que veio por razões econômicas.

Bibliografia Essencial

KLAGSBRUNN, Víctor. “Dados sobre a migração internacional de brasileiros para os países desenvolvidos após o 11/9/2001 e os direitos humanos”. Disponível em: www.csem.org.br/2008/victor_hugo-klagsbraunn.pdf. Acesso em: setembro de 2008.

_____. “Globalização da economia mundial e mercado de trabalho: a emigração de brasileiros para os Estados Unidos e Japão”, in PATARRA, N. (coord.) *Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI*. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais. Campinas, v. 2, 1996, p. 33-48.

MARGOLIS, M. *Little Brazil – Imigrantes brasileiros em Nova York*. São Paulo: Papyrus, 1995.

MARINUCCI, Roberto. “Brasileiros e brasileiras no exterior – apresentação de dados recentes do Ministério das Relações Exteriores”. Disponível em: http://www.csem.org.br/artigos_port_artigos08.html. Acesso em: 2008.

VAN DIJK, M.P. “The Internationalization of the Labour Market”, in SIMAI, Mihály (ed.). *Global Employment – an investigation into the future of work*. London; N. Jersey; Tokyo: United Nations University, v. 1, 1995.

YOSHIOKA, Reimei. *Por que Migramos do e para o Japão – Os exemplos dos bairros das Alianças e dos atuais dekasseguis*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.